

ENTREVISTA

A112134-1

João Coser

“Faria tudo de novo. Tenho certeza de que fizemos muito bem”

O prefeito de Vitória deixa a administração após oito anos de mandato confiante de ter deixado a cidade melhor. Mas diz que teve pouco apoio financeiro do governo do Estado para tocar as obras

▲ VILMARA FERNANDES
vfernandes@redgazeta.com.br

Após dois mandatos como prefeito de Vitória, João Coser (PT) deixa o cargo confiante de que não há parâmetros de comparação entre a sua gestão e as anteriores. “Fizemos grandes obras e investimentos ousados”. Critica a falta de ajuda financeira do governo do Estado, que doou para o município cerca de R\$ 70 milhões. “Nos deu uma gorjeta”, pontua, afirmando que o que salvou foi a ajuda federal, com R\$ 500 milhões do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Diz que foi “enganado” em um pacto firmado entre seu antecessor, Luiz Paulo Vellozo Lucas, e o ex-governador Paulo Hartung, que fez Vitória assumir contas da ampliação da Avenida Fernando Ferrari, que deveriam ser do Estado. “Só fui avisado dois dias antes da posse. Mas não me arrependo, a obra era necessária”.

Vitória sempre foi tida como uma cidade fácil de ser administrada, por ter dinheiro. Qual é a sua avaliação?

É uma cidade muito especial, com capacidade de arrecadação, muitos desafios, e sempre teve dinheiro. Mas desafio qualquer ex-prefeito a mostrar o que fez comparado ao que realizei em oito anos. Fizemos um projeto de grandes obras e investimento ousado. Hoje temos uma cidade mais moderna e desenvolvida.

Cite exemplos.

Na área de mobilidade, ampliamos as duas pontes – Camburi e a da Passagem –, além da Avenida Fernando Ferrari e a urbanização da Praia de Camburi. Só aí são quase R\$ 200 milhões. Há ainda projetos de saneamento básico, obra que ninguém quis fazer, por cavar a cidade inteira e só trazer críticas. Era uma questão de necessidade.

E as áreas alagadas?

Foram investidos mais de R\$ 200 milhões em obras de drenagem em bairros como República – que alagava há mais de 25 anos –, em Jardim Camburi e na região de Maruípe, que entrego hoje. Há ainda outras obras que ninguém percebe que foram feitas. E o Projeto Orla, que só contemplava Camburi e foi ampliado para toda a cidade. E houve ainda investimentos na área social.

Quais?

Foram nove unidades de saúde novas, centro de especialidade, dois Centros de Atenção Psicossocial (Caps). Deixamos 70% da rede de saúde pronta, além de quatro unidades de saúde para serem entregues em 2013. Na educação foram 19 novas unidades. Temos 11 unidades sendo construídas, e três delas já vão estar funcionando em 2013. Também entregamos mais de mil casas populares e ampliamos os equipamentos na área de assistência social, que passaram

“

Tenho certeza de que fizemos o melhor para Vitória, tornando-a uma cidade mais justa, mais fraterna, mais igual e mais preparada para o futuro”

de 22 para 59. Criamos um novo sistema de transferência de renda, no modelo do bolsa família. Tem ainda o Museu Capixaba do Negro e o Galpão das Paneleiras.

Mas há obras que não foram concluídas, como a Fábrica do Trabalho, os quiosques de Camburi, a Fernando Ferrari.

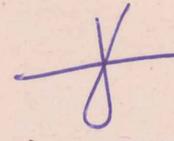
Nenhum compromisso de campanha deixou de ser feito. Tivemos que paralisar dez obras em 2010, em decorrência da crise financeira, como a Fábrica do Trabalho e o Centro de Maria Ortiz. A Fábrica tem um convênio com o governo do Estado. É uma obra grande. O próximo prefeito vai concluir. Isso faz parte.

E os quiosques de Camburi? Não teria sido melhor não começar uma obra que não seria terminada?

Eles fazem parte do projeto da orla, e os recursos para sua construção já foram captados junto ao Ministério do Turismo. Não começo um projeto para terminar em minha administração. Então, não importa se faltam 5% ou 50% para a obra ser concluída. A cidade continua, só muda o administrador. No caso dos quiosques, a obra demorou para ser autorizada pela União, depois tivemos problemas com a primeira empresa licitada e convidamos a segunda, que vem fazendo a obra em seu ritmo. Isso é um problema, a forma como se contrata no

VITÓRIA EM NÚMEROS

	RECEITA TOTAL	DESPESA TOTAL	ISS (arrecadação)
2006	941 milhões	926 milhões	221 milhões
2011	1,38 bilhão	1,36 bilhão	304 milhões



AJ12139-2



serviço público, por licitação. Você não escolhe a empresa. Tudo é feito de acordo com a Lei de Licitações, e ficamos subordinados a obras que andam nesse ritmo.

E a Fernando Ferrari?

Está pronta. Tudo o que dependia da prefeitura foi feito. Faltam 10 metros, que vão ser construídos em janeiro. Em função da greve da construção civil, ficamos 65 dias parados, o que atrapalhou a entrega de dez obras.

E a demolição da antiga Ponte da Passagem?

Era um compromisso do governador, mas acho que ele não quis fazer no meu governo. Já tem uma placa informando que a obra vai começar no dia em que Luciano Rezende tomar posse. É um presente para o próximo prefeito, mas acho que poderia ter sido feita há um ano.

No primeiro mandato, o senhor administrou sem crise, mas demorou dois anos para investir. Depois veio a crise.

Quando cheguei, a impressão era a de que a cidade estava parada. Não havia projetos para serem executados. O governo anterior deixou sete obras: quatro unidades de saúde, três escolas e o projeto Terra, que nós continuamos e investimos R\$ 150 milhões nele. O Terra é o melhor projeto da cidade.

Foi idealizado na administração de Luiz Paulo. Espero que o Luciano dê continuidade, porque é um projeto que transforma a vida das pessoas mais necessitadas. Demoramos a investir porque tudo o que realizamos na cidade foram projetos feitos a partir da minha posse. E houve muita dificuldade para realizar as desapropriações.

O senhor diz que não havia projetos, mas a Orla de Camburi, já estava autorizada.

O projeto era só para o calçadão, e nós optamos por mudar, porque ele não era compatível com o novo tempo da cidade, mais moderna. Agora estamos deixando a administração com 30 projetos e com dinheiro e área para a sua execução. É o caso da reforma e ampliação da Avenida Adalberto Simão Nader, que não foi executada porque as obras do Aeroporto foram paralisadas; o Centro de Eventos – já com R\$ 118 milhões captados para sua construção e área de 100 mil m² –; e o Parque Tecnológico, com R\$ 30 milhões captados, que ficará em Goiabeiras Velha.

E o mergulhão, em Camburi?

Não foi compromisso de campanha e não é necessário. A forma como a ampliação foi feita em Camburi resolveu o problema e nós colocamos para o Estado que a nossa prioridade é um viaduto entre as avenidas Fernando Ferrari e Adalberto Simão Nader,

que será feito nos próximos dois anos. Ao todo, fiz 311 obras e estou deixando 75 para Luciano entregar. A cidade vai evoluir muito mais nos próximos quatro anos porque tem recurso em caixa. Estamos deixando cerca de R\$ 200 milhões de recursos próprios e mais R\$ 170 milhões captados. Quando chegamos eram R\$ 2,3 milhões próprios e R\$ 30 milhões captados.

Vitória sempre foi referência no recolhimento de lixo, tinha coleta seletiva, que praticamente desapareceu.

É uma inverdade que Vitória era modelo. Você tinha Ecopostos, mas tudo ia para o lixo geral. Hoje temos um trabalho melhor e estamos preparando a licitação de um novo contrato. O nosso maior problema é o custo. Gastamos R\$ 5 milhões com os mais de 170 pontos viados. O carro passa, e logo depois o lixo é jogado nas ruas. A gente notifica, põe placa, urbaniza, mas a população não tem mudado seu comportamento. É uma das coisas que não consigo resolver e me angustiam.

O que mais o senhor lamenta?

Não tenho a lamentar, só a agradecer. Mas há desafios. Além do lixo, temos a população de rua. Hoje o morador de rua não é mais pedinte, mas um dependente químico, principalmente do crack. Outro desafio é a mobilidade. Eu tinha um projeto que considerava mais moderno, o metrô de superfície, que acabou vencido pelo corredor de ônibus (BRT). Mas não tenho arrependimentos. Faria tudo de novo.

E as desapropriações?

Foram feitas 916 desapropriações, e apenas duas estão sendo questionadas na Justiça, e não tem nada a ver com o prefeito. Uma delas, relativa ao Pronto Atendimento da Praia do Suá, questiona o valor pago, mas nossa Procuradoria e a Secretaria de Obras entenderam que o que estava no contrato era o correto. O segundo caso diz respeito à área da Ponte da Passagem, e o que está sendo questionado é a posse. O que sei é que se não tivesse feito, não teríamos a Ponte da Passagem. A decisão foi minha e foi politicamente correta porque a ponte era necessária.

O senhor contou com a ajuda Estado para realizar algumas obras.

A obra física da Fernando Ferrari é do Estado, que gastou uns R\$ 90 milhões. O restante foi pago por Vitória, que investiu mais de R\$ 120 milhões, com as desapropriações, a ponte, as concessionárias e obras na Ufes. É uma obra metropolitana, feita para resolver os problemas da Serra e do Norte. Deveria ter sido feita pelo Estado, como está sendo feito em Vila Velha. Se fosse em Cariacica, o custo também seria do Estado, mas em Vitória nós dividimos e pagamos mais de 50% da conta.

Houve recursos estaduais na construção do Tancredão.

Tivemos o apoio de Paulo Hartung, de R\$ 35 milhões, para obras, e de mais R\$ 25 milhões no governo de Casagrande. Mas o que aconteceu com a Fernando Ferrari não vai se repetir no Portal do Príncipe, que não contará com recursos do município. Demos ao Estado a obrigação de fazer o portal, que é mais uma entrada metropolitana. Eles vão desapropriar e executar a obra. Não é justo uma cidade desembolsar R\$ 120 milhões para uma obra que é metropolitana. Fizemos a Fernando Ferrari porque o Luiz Paulo fez o acordo com Paulo Hartung de que o Estado faria a obra e o município cobriria as outras despesas. O governador me avisou dois dias antes da minha posse, e perguntou se eu concordava. Na ocasião disse que se fosse importante para Vitória, faria. Mas não sabia que tinha tanta conta e a ponte – R\$ 28 milhões – para pagar. Não me arrependo porque a obra era necessária.

Mudaria alguma coisa no que fez?

Talvez ter feito menos, com mais tranquilidade. Ousar fazer o saneamento em um mandato parece coisa de louco. Mas não mudaria nada, faria tudo de novo. Tenho certeza que fizemos muito bem. Pena que teve uma crise.

Por quê?

Se não fosse a crise, não teria precedente na história, com todas as obras concluídas sem precisar de ajuda do Estado, porque o que recebemos foi muito pouco. Em oito anos, foram menos de R\$ 70 milhões. Não nos deu de volta nem o que gastamos na Fernando Ferrari. Nos deu uma gorjeta. Mas tivemos o apoio do governo federal, com R\$ 500 milhões captados pelo PAC, e desses, aplicamos R\$ 330 milhões e vamos deixar R\$ 170 milhões. O Estado só botou dinheiro na hora do aperto, com dificuldade e atrasado. O que tivemos foi solidariedade política, muito carinho, mas financeiramente o governo teve a mesma visão dos cidadãos, a de que Vitória tem dinheiro, o que é um equívoco. O governador deve continuar ajudando o Luciano porque em Vitória as coisas são caras, os desafios são grandes. Se pudesse deixar um pedido, diria: façam mais do que conseguiram fazer nos meus dois mandatos.

O que avalia que deixa como legado?

As políticas sociais, a capacidade de ter melhorado a vida das pessoas, mais serviço público prestado, mais emprego, mais gente vivendo decentemente. E as obras que ninguém ousou fazer. A cidade era tocada com unidade de saúde e escola. Para dizer que não teve nada, teve a Ponte Ayrton Senna. Eu mudei os parâmetros e fui para as obras grandes. Conquistamos muitas coisas, mas no braço, nada caiu do céu.

gazetaonline.com.br

/Cidades. Confira em nossa página a entrevista ampliada, com mais detalhes, do prefeito de Vitória, João Coser.

IPTU (arrecadação)	ICMS (arrecadação)	GASTO COM PESSOAL	INVESTIMENTOS	EDUCAÇÃO	SAÚDE
30 milhões	348 milhões	390 milhões	158 milhões	205 milhões	142 milhões
44 milhões	456 milhões	639 milhões	237 milhões	283 milhões	196 milhões